

A DIMENSÃO MORAL DA CATEQUESE NA PERSPECTIVA DAS CONCLUSÕES DE PUEBLA

José Maria Frutuoso Braga

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção — São Paulo

I — INTRODUÇÃO

AS DUAS LINHAS DE FORÇA QUE DIRECIONAM, DINAMIZAM E SUSTENTAM A DIMENSÃO MORAL DA CATEQUESE, NA PERSPECTIVA DE PUEBLA.

1. **A práxis evangélica da comunhão e da participação é uma práxis moral cristã, com a qual a catequese se compromete.**

A práxis evangelizadora da Igreja Latino-Americana foi compreendida, em Puebla, sob o enfoque da “comunhão” e da “participação”. Esta práxis abrange os seguintes elementos: “pregar a conversão, libertar o homem e impulsionalo rumo ao mistério de comunhão com a Trindade e comunhão com os irmãos, transformando-os em agentes e cooperadores do desígnio de Deus” (C.P. 563).

Embora a evangelização e a catequese, em sentido estrito, distingam-se entre si¹, os “centros de evangelização” — a família, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a paróquia e a Igreja Particular — **devem ser “centros de comunhão e participação”** e encontram na CATEQUESE um meio indispensável para criar e promover a “comunhão” e a “participação” (C.P. 977 — 1011).

A **comunhão** e a **participação** se entendem como uma “**práxis evangélica**” com a qual a catequese se compromete por “fidelidade a Deus”, “fidelidade à Igreja” e “fidelidade ao homem latino-americano” (C.P. 992 — 997).

“**Práxis evangélica**” significa a mesma coisa que “**práxis moral cristã**”. Pois a moral consiste na resposta do homem à sua vocação em Cristo, produzindo frutos, na caridade, para a vida do mundo (cf. O.T. 16). Por isso mesmo, a catequese, enquanto comprometida com a práxis evangélica da comunhão e da participação, é uma **catequese de dimensão moral**, dirigida para a **práxis moral**.

Esta práxis moral se direciona, se dinamiza e se sustenta por duas linhas de força, as duas grandes opções preferenciais da Igreja Latino-Americana: a opção preferencial pelos pobres e a opção preferencial pelos jovens². Duas opções complementares em permanente interação.

2. A opção preferencial pelos pobres constitui a primeira linha de força da dimensão moral da catequese.

A Igreja é missão, movimento transformador do homem a partir de dentro e do compromisso humano na construção da sociedade, para colocá-los segundo o desígnio de Deus³.

Na América Latina, principalmente a partir de Medellín, a Igreja teve a experiência do significado atual da missão evangelizadora dos pobres e da práxis moral exigida por esta missão. Ela foi efetuando na prática e em “declarações”, uma opção preferencial pelos pobres⁴. Em Puebla se tornou explícita esta opção pelos pobres como **opção preferencial básica**: “A Conferência de Puebla volta a assumir com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral (de Medellín) que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres”... “Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (C.P. 1134).

Doravante os **“centros de evangelização”** — a família, as CEBS, a paróquia e a Igreja Particular — para se tornarem “centros da comunhão e da participação” (C.P. 567 – 657), **precisam ter como base de sua práxis cristã a opção preferencial pelos pobres e oprimidos.**

A educação na fé, de que se ocupa a catequese no lar e que é um dos objetivos também da catequese ministrada fora do lar, somente leva a uma comunhão e participação não alienantes à medida em que ela se situa nesta linha de força: a opção preferencial pelos pobres. Fora desta opção, a sua linha de força seria a ideologia dominante, que não educaria para a práxis evangélica da “comunhão com todos os irmãos” (C.P. 563) e da participação, para construir a América Latina segundo o desígnio de Deus (cf. C.P., 2ª Parte). Ao contrário, a pretexto de uma “fé”, mal-entendida, levaria a uma acomodação com a “escandalosa realidade” da América Latina (cf. C.P. 1154).

A catequese assumida pelas CEBS mais claramente se direciona, se dinamiza e se sustenta pela opção preferencial pelos pobres. As CEBS nascem, sob a ação do Espírito, precipuamente do povo pobre e oprimido

que busca a comunhão e a participação dentro de uma práxis evangélica libertadora. Os diversos encontros intereclesiais de CEBS realizados no Brasil⁵ testemunham esta opção preferencial como práxis e a educação na fé dentro desta práxis.

Quanto à catequese paroquial e a da Igreja Particular⁶ não poderá realizar-se à margem da opção preferencial pelos pobres se, de fato, houver a decisão de buscar “uma renovação profunda de vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade” (C.P. 977). A Igreja Particular, a paróquia e qualquer outra forma de comunidade cristã não cumprem sua missão de educar na fé, quando ignoram o “pecado estrutural da América Latina”, no exercício desta sua missão. Tal catequese estaria distante do “processo de conversão e crescimento permanente e progressivo na fé” (C.P. 998), exigido pelo compromisso de ruptura com as “estruturas de pecado” (C.P. 281).

3. A opção preferencial pelos jovens é também linha de força da dimensão moral da catequese.

“A Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança. A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens, com vistas à sua missão evangelizadora no Continente” (C.P. 1186).

A grande maioria da população latino-americana é jovem e é pobre. Trata-se de uma juventude que se encontra numa sociedade **sem comunhão e sem participação**. Esta juventude representará, de fato, um dinamismo transformador desta sociedade sustentada por um sistema “marcado pelo pecado” (C.P. 93), à medida em que adotar uma práxis marcada por um compromisso de libertação. Por isso, a missão da Igreja junto aos jovens é, antes de tudo, a de uma **educação libertadora na fé**. Uma educação na fé que torne os jovens sujeitos de libertação pessoal e social.

Tal é a alienação ideológica da juventude que precisaria de uma **evangelização** antes de qualquer **catequese**. Porém, acima das distinções de linguagem (evangelização e catequese, em sentido estrito, se distinguem), o que importa é a opção preferencial pela juventude como linha de força da própria missão da Igreja. Isto vai exigir uma revisão da pastoral de juventude para que se afaste da busca de um compromisso com Cristo

desligado do compromisso com a transformação da sociedade⁷. Vai exigir um sério cuidado de aproveitar o “catecumenato de preparação ao sacramento da crisma” como verdadeira iniciação na práxis evangélica que educa para a consciência crítica e para o compromisso eclesial dentro da sociedade em que vivemos.

4. Interação entre as duas linhas de força.

A opção preferencial pelos jovens não se entende sem a opção preferencial pelos pobres. A força da opção pelos pobres está na própria força do Espírito que envia a Igreja a evangelizar os pobres (cf. Lc 4,16 – 21). E a força da opção pelos jovens está no dinamismo de uma juventude, cuja maioria é pobre, dinamismo a ser suscitado e alimentado pela educação na fé, e a ser assumido em ordem à libertação evangélica dos pobres, que é a própria missão da Igreja.

*

A catequese está direcionada por estas duas grandes opções preferenciais, que dinamizam e sustentam a práxis evangélica ou **práxis moral cristã**, da comunhão e da participação, ao mesmo tempo raiz e fruto da catequese.

*

II – O CONTEÚDO DA DIMENSÃO MORAL DA CATEQUESE, NA PERSPECTIVA DAS CONCLUSÕES DE PUEBLA, PODE SER ORGANIZADO EM TRÊS UNIDADES FUNDAMENTAIS: O COMPROMISSO COM O HOMEM, O COMPROMISSO COM JESUS CRISTO E O COMPROMISSO COM A IGREJA.

Visto que a catequese segue e aprofunda a evangelização, achamos necessário apresentar como conteúdo fundamental da dimensão moral da catequese **o mesmo conteúdo que as Conclusões de Puebla indicam como central para a evangelização**, a saber: “a verdade a respeito de Cristo”, “a verdade sobre a Igreja” e “a verdade sobre o homem”. Apresentamos, porém, esse conteúdo do ponto de vista do nosso compromisso cristão, para que se perceba **a responsabilidade moral a ser despertada na catequese**. E começamos tratando em primeiro lugar do compromisso com o homem, justamente porque a moral é, antes de tudo, uma moral para o homem ser “humano” segundo o desígnio de Deus.

Como só vamos apresentar as unidades fundamentais da dimensão moral da catequese, não nos preocupamos em distinguir as suas diversas etapas: catequese infantil, catequese de adolescentes, catequese de jovens ou catequese de adultos. Nem nos preocupamos diretamente com o conteúdo de uma catequese sacramental. Sem dúvida, cada tipo de catequese terá múltiplas exigências morais a serem explicitadas. Porém, isto não entra aqui em nosso objetivo, que apenas pretende indicar três direções básicas do compromisso cristão, que sempre precisam estar presentes em qualquer etapa e em qualquer tipo de catequese.

1. O COMPROMISSO COM O HOMEM EM ORDEM À PRÁXIS DA COMUNHÃO E DA PARTICIPAÇÃO, PRIMEIRA UNIDADE DO CONTEÚDO MORAL DA CATEQUESE.

1.1 O compromisso com o homem concreto.

Trata-se do compromisso com o homem concreto latino-americano. Esse homem que procede de “três universos culturais: o indígena, o branco e o africano”... “enriquecidos, posteriormente, por diversas correntes migratórias” (C.P. 307) acontecidas no decorrer da história. No Brasil se fez sentir forte a imigração italiana e alemã nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. No Estado de São Paulo, sobretudo o sangue italiano influenciou na caracterização do “brasileiro” deste Estado. Nem se podem esquecer os japoneses e “nissei” que pouco a pouco vão integrando a nossa população. Porém o fenômeno migratório interno é que, de maneira muito acentuada, contribuiu para que, junto aos grandes centros, se formasse uma periferia de marginalizados, sem esperança, moradores de barracos e cortiços. É esse homem concreto com o qual há de comprometer-se em primeiro lugar a evangelização e, em seguida, a catequese, em vista da comunhão e da participação.

A catequese do homem concreto latino-americano supõe que os catequistas conheçam o homem **situado dentro da “escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina”** (C.P. 1154)⁸, realidade esta sustentada e desenvolvida por um sistema “marcado pelo pecado” (C. P. 92). Por isso se exige dos catequistas vão adquirindo uma **consciência crítica**⁹ para que possam realizar a sua missão com “fidelidade ao homem latino-americano” (C.P. 996 — 997). Supõe, ainda, que os catequistas conheçam o desígnio de Deus sobre a realidade da “América Latina”, de que se ocupa a 2ª Parte das Conclusões de Puebla. Nossos Bispos, em Puebla, entenderam esse desígnio como exigência de uma

EVANGELIZAÇÃO LIBERTADORA, que numa segunda etapa, se torna CATEQUESE, um dos meios de efetivar a comunhão e a participação (C.P. 992 – 993).

A **evangelização libertadora** se realiza dentro dos acontecimentos em que se opera a libertação do homem¹⁰. Também a catequese há de se fazer bem situada na realidade, em constante referência aos acontecimentos que envolvem o homem concreto, para levar à comunhão e à participação.

1.2 O conteúdo central da 1ª unidade.

O conteúdo central desta unidade consiste **no compromisso com a “dignidade” do homem concreto**, criado à imagem de Deus, chamado à comunhão com Deus e com todos os outros homens, em Jesus Cristo; e chamado igualmente à participação como sujeito da construção da própria pessoa e da construção da história. E este conteúdo só pode **tornar-se vida cristã** quando os catequizandos, ajudados pelos catequistas e por toda a comunidade, **vivenciam na prática, dentro dos acontecimentos**, este compromisso com o homem concreto.

Torna-se fácil compreender na fé e comprometer-se na prática, quando se aprende a reconhecer **o rosto de Jesus sofredor**, o Senhor que nos questiona e interpela, nos **rostos muito concretos** que catequistas e catequizandos estão encontrando cada dia na vida real ou através dos meios de comunicação social. Nas “feições concretíssimas”:

- de **crianças abandonadas** ou entregues a instituições que não educam;
- de **menores carentes**, fáceis candidatos à “criminalidade”;
- de **jovens “desorientados** por não encontrarem seu lugar na sociedade”;
- de **“indígenas”** ou **“afro-americanos” marginalizados**;
- de **“camponeses” relegados ao desamparo**;
- de **“operários” mal remunerados**;
- de **“subempregados e desempregados”** sem direitos;
- de **“marginalizados” amontoados na periferia** dos grandes centros ou que vão buscar abrigo sob os viadutos das cidades, junto às áreas próximas de estações rodoviárias, junto aos átrios de nossas igrejas ou às escadarias de colégios e conventos;

- de **“anciões” esquecidos** por seus familiares e pela sociedade;
- de **prisioneiros fabricados pelas estruturas injustas da sociedade** e que superlotam os nossos cárceres (cf. C.P. 31 — 39).

Algumas de nossas comunidades cristãs expressam esta “paixão de Jesus Cristo” sofrida pelo povo, ao cantarem nas celebrações litúrgicas: “Seu nome é Jesus Cristo...”¹¹.

1.3 A igual dignidade de todos os homens se aprende na práxis dos direitos humanos.

Os nossos Bispos declararam em Puebla: “É grave obrigação nossa proclamar, ante os irmãos da América Latina, a dignidade que é própria de todos, sem nenhuma distinção e que, contudo, vemos conculcada tantas vezes de maneira extrema” (C.P. 316). “Professamos, pois, que **todo homem e toda mulher, por insignificantes que pareçam, têm em si a nobreza inviolável que eles próprios e os demais devem respeitar, incondicionalmente**” (C.P. 317).

A catequese sobre a **igual dignidade** de todo ser humano penetra profundamente no íntimo e na vida dos catequizandos, quando a comunidade cristã em que se realiza a catequese **assume a práxis dos direitos humanos** dentro da realidade em que a comunidade está inserida e dos acontecimentos que envolvem o povo do lugar. O documento de Puebla especifica direitos individuais (C.P. 1271), direitos sociais (C.P. 1272) e direitos emergentes (C.P. 1273), que podem ser utilizados para a catequese ordenada à práxis da comunhão e da participação.

1.4 Educar, na fé, para a responsabilidade pessoal e comunitária.

A dignidade humana se vive como **liberdade**. “Esta liberdade é **dom e tarefa**. Ela não se alcança sem a **libertação integral**” (C.P. 321). Ela “implica sempre aquela capacidade que todos temos, em princípio, de dispor de nós mesmos, a fim de irmos construindo uma comunhão e uma participação que hão de se plasmar em realidades definitivas, em três planos inseparáveis: a relação do homem com o mundo como senhor, com as pessoas como irmão e com Deus como filho” (C.P. 322).

Freqüentemente as pessoas mais simples, nascidas na pobreza e na marginalização, precisam aprender sua igual dignidade em meio às grandes desigualdades impostas pela sociedade. Precisam ser educadas na fé

para se reconhecerem como “valor autônomo” e “fim autônomo”, “imagem de Deus” como qualquer outro ser humano. Precisam descobrir e vivenciar **sua vocação como sujeitos da construção da própria pessoa e da construção da sociedade** através de uma libertação pessoal e social que vá criando a comunhão e a participação. E as pessoas de classe social mais elevada precisam aprender, através da educação na fé, **a igual dignidade dos pobres e marginalizados**¹². Por isso mesmo, a sua catequese há de ser dinamizada pela opção preferencial pelos pobres como linha de força fundamental. Sem isto não se alcança a autêntica comunhão e participação. E tem necessidade de atingir a juventude, que na sua maioria é pobre, e pode tornar-se o principal agente da libertação integral.

1.5 O pecado contra o homem é pecado contra Deus.

A catequese, na perspectiva do compromisso com o homem, mostrará que “toda violação da dignidade humana é injúria ao próprio Deus, cuja imagem é o homem” (C.P. 307). E que o pecado, além de pessoal, é social e estrutural (cf. C.P. 281). Com a manutenção de um sistema “marcado pelo pecado” (C.P. 92) não se constrói uma sociedade em que exista comunhão e participação verdadeiras, só possíveis nesta vida se “projetadas no plano bem concreto das realidades temporais” (C.P. 327).

1.6 Discernimento e confronto.

É função específica da dimensão moral da catequese levar ao **discernimento dos valores autênticos**. Para isso os catequistas precisam confrontar as **visões falsas ou parciais do homem**, muito correntes entre o povo, sustentados pela ideologia dominante¹³ com a **visão integral do homem** que o documento de Puebla apresenta e que estivemos comentando nesta 1ª unidade do conteúdo moral da catequese.

De maneira muito particular a catequese evidenciará a imagem do “**homem novo**” (Cl 3,10), que é a “**imagem daquilo a que todo homem é chamado a ser**” (C.P. 333). Para isso conseguir, salientará “o plano de **Bem absoluto**”, “o plano da confrontação iniludível com o mistério divino de alguém que, na qualidade de Pai, chama os homens e lhes dá a capacidade de ser livres” (C.P.325). Através do confronto com o Bem absoluto no plano do desígnio salvífico de Deus a respeito de todos os homens é que se pode chegar à relativização dos “bens” convertidos em ídolos, os quais levam a uma organização injusta da sociedade. Ao mesmo

tempo, a certeza da fé anima os cristãos no compromisso de transformar a sociedade em favor de todos os homens, que Deus criou iguais.

O sentido de comunhão e participação, que é objetivo do compromisso com o homem, se aprofunda e se ilumina no compromisso com Jesus Cristo, dentro das mesmas linhas de força: a opção preferencial pelos pobres e a opção preferencial pelos jovens.

2. O COMPROMISSO COM JESUS CRISTO EM ORDEM À PRÁXIS DA COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO, SEGUNDA UNIDADE DO CONTEÚDO MORAL DA CATEQUESE.

O Concílio Vaticano II entende a moral principalmente como **vocação cristã** e, conseqüentemente, como resposta vital na fé, ao mandamento do amor, para construir o homem e a história segundo o desígnio de Deus. As palavras exatas do Concílio são estas: “vocação dos fiéis em Cristo” e “obrigação de produzir frutos, na caridade, para a vida do mundo” (O.T. 16).

Ao tratar de “a verdade a respeito de Cristo, o Salvador que anunciamos” (C.P. 170 — 219), as Conclusões de Puebla ressaltam a **vocação cristã** e as **linhas fundamentais da resposta**, na fé, ao mandamento do amor dentro da realidade latino-americana.

2.1 O fundamento da vocação cristã

O fundamento da vocação cristã está na própria **“Encarnação” entendida no todo do Mistério de Cristo**. “O Filho de Deus assume o humano e o criado e restabelece a comunhão entre seu Pai e os homens. O homem conquista uma dignidade altíssima e Deus irrompe na **história do homem**, isto é, no **peregrinar humano rumo à liberdade e à fraternidade**, que aparecem agora como caminho que leva à plenitude do encontro com Ele” (C.P. 188). Este é o fundamento da vocação cristã.

Toda a história e todos os problemas dos homens estão agora assumidos por Jesus Cristo. Ele, Jesus de Nazaré, anunciou a chegada da hora da libertação. Como “Servo de Javé”, realizou a “doação desinteressada e sacrificada do amor. Amor que abraça a todos. Amor que privilegia os pequenos, os fracos, os pobres. Amor que congrega e integra a todos em uma fraternidade que é capaz de abrir a rota de uma nova história” (C.P. 192). Portanto, **o amor que dá a vida para libertar é o núcleo do modo de agir de Jesus e de Deus** (cf. Jo 3,16), e é **o núcleo da vocação cristã** (cf.

Jo 15,13). A catequese tem necessidade de ir educando para a fé neste Jesus que está presente na comunidade, assumindo os problemas do povo, doando-se através do amor com que os homens se doam para construir a comunhão e a participação nos relacionamentos humanos e na organização da sociedade.

“A dor da criação é assumida pelo Crucificado que oferece sua vida em sacrifício por todos”. Ele, como “Vítima Pascal”, “encarna, perante a justiça salvadora de seu Pai, o **clamor de libertação e de redenção de todos os homens**” (C.P. 194). Jesus, ressuscitado, deixa implantado no centro da história humana o **Reino de Deus** (cf. C.P. 197), **sentido último da própria história**. Por isso, dirigindo-se aos povos do nosso Continente, nossos Bispos, em Puebla, proclamam “a Boa Nova da pessoa de Jesus Cristo aos homens da América Latina, chamados a serem **homens novos** pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho, para sustentarem seu esforço e revigorarem sua esperança” (C.P. 197). **A vocação cristã, para os latino-americanos, se concretiza como renovação da sociedade a partir das estruturas**, pela força do Espírito que o Senhor Jesus envia (Cf. C.P. 198 – 201), em ordem à plena comunhão e plena participação.

2.2 As linhas fundamentais da resposta à vocação cristã.

A resposta à vocação cristã, na fé, está em **construir a comunhão com Deus e com os homens**, comunhão da qual **todos são chamados a participar como sujeitos responsáveis**. Essa comunhão é amor e o caminho é a busca de participação concreta, como resposta livre, em amor. “A comunhão que se há de construir entre os homens abrange-lhes todo o ser desde as raízes do amor, e há de se manifestar em toda a sua vida, até na dimensão econômica, social e política” (C.P. 216). Excluir alguém da comunhão e da participação, significa não amar, significa não possuir o Espírito de Cristo (cf. C.P. 205). Entendemos facilmente que a catequese desta linha da resposta à vocação cristã se introjeta nos catequizandos através do **testemunho vivido pelos centros de comunhão e participação** em que se fizer a catequese (cf. C.P. 567 – 657).

A resposta à vocação cristã, na fé, obriga os cristãos a se fazerem **solidários com os sofrimentos e aspirações do povo**. Sabem que o Evangelho é a “**força de Deus**” (Rm 1,16), “capaz de transformar nossa realidade pessoal e social e de encaminhá-la para a liberdade e a fraternidade, para a manifestação plena do Reino de Deus” (C.P. 181). Por isso, o seu compromisso com Jesus Cristo aprofunda, ressalta e orienta o seu compromisso com o homem. Eles descobrem nas **Bem-aventuranças** e no

Sermão da Montanha¹⁴, “a grande proclamação da Nova Lei do Reino de Deus” (C.P. 190), que há de levar os cristãos à “fome e sede de justiça” no afrontamento dos problemas concretos do povo a que pertencem. A catequese desta dimensão da resposta à vocação cristã se insere na práxis da comunidade.

A resposta à vocação cristã obriga, na fé, a **superar as ideologias** que dividem os homens da mesma pátria e armam povos contra povos. Na catequese se há de levar à superação das ideologias que se manifestam já nos preconceitos que as crianças trazem do seu lar e favorecem a discriminação; que marcam profundamente o quadro de valores recebido desde a infância em nossa sociedade de consumo. Por isso, a resposta à vocação cristã exige uma educação na fé que leve à **relativização das ideologias e das instituições** frente ao valor das pessoas, chamadas todas à comunhão e à participação.

A resposta à vocação cristã, na fé, exigindo o empenho do compromisso histórico com o homem até à doação da própria vida à semelhança da doação que fez Jesus, conduz à **experiência contemplativa de Deus dentro da história como Salvador**¹⁵. Obriga e **ensina a orar** partindo do compromisso com o homem, e voltando da oração para o meio dos problemas do homem com maior discernimento e força no Espírito (cf. C.P. 251). A catequese também há de tornar-se uma aprendizagem da oração ligada à vida.

2.3 O compromisso com Jesus Cristo na catequese dos jovens.

O compromisso com Jesus Cristo é facilmente assumido pelos jovens. Dinamizando a pastoral de juventude, em pouco tempo conseguimos grande número de jovens comprometidos com Cristo. Isto pareceria justificar, por si só, a opção preferencial pelos jovens. Aqui vale a observação do pastoralista Padre José Fernandes de Oliveira (Padre Zezinho), que, ao comentar o fracasso de movimentos cristãos juvenis, afirma: “nossos jovens deram o coração para Cristo, mas não lhe deram a cabeça”¹⁶. E ele aponta a **falta de catequese** como causa desse fracasso. Tal catequese é, sem dúvida, indispensável, devendo porém ser precedida de uma autêntica evangelização. Além disso, para que os jovens se façam sujeitos da libertação evangélica integral, precisam estar criticamente conscientes da **realidade escandalosa** e injusta da América Latina e convertidos de fato para os pobres.

Mais uma vez se faz sentir a necessidade das duas linhas de força, para a catequese realizar o seu objetivo de comunhão e participação:

a linha de força da opção preferencial pelos pobres e a da opção preferencial pelos jovens.

3. O COMPROMISSO COM A IGREJA EM ORDEM À PRÁXIS DA COMUNHÃO E DA PARTICIPAÇÃO, TERCEIRA UNIDADE DA DIMENSÃO MORAL DA CATEQUESE.

O compromisso com o homem e o compromisso com Jesus Cristo, primeira e segunda unidades fundamentais da dimensão moral da catequese, se unificam e se potencializam no compromisso com a Igreja.

3.1 O compromisso com a Igreja é compromisso com Jesus Cristo.

“Cristo que sobe ao Pai e se oculta aos olhos da humanidade, continua evangelizando visivelmente através da Igreja, sacramento de comunhão dos homens no único Povo de Deus, peregrino na história” (C.P. 220). **Jesus Cristo ressuscitado é o princípio de unidade, que reúne os homens na fé e na fraternidade**, fazendo-os “homens novos” pela vida no Espírito. “É ele a grande comunhão da nova humanidade que foi criada por Deus na ressurreição”¹⁷. É crendo e sendo batizados que os homens adquirem a “novidade de vida” (Rm 6,4; cf C. P. 240). **Deste modo, o compromisso com a Igreja é, em primeiro lugar, compromisso com Jesus Cristo atuante no seu “corpo”, que é a Igreja (Cf. Cl 1,18)**. Este aspecto do compromisso precisa ficar claro na catequese, pois é pela fé em Jesus Cristo, princípio da unidade, que fundamentamos nosso compromisso com a Igreja Universal. É deste modo que entendemos o compromisso de criar e viver a comunhão e a participação em ordem eclesial “católica”, termo que significa “universal”. Por isso mesmo é a partir do compromisso com Jesus Cristo, que justificamos o nosso compromisso de comunhão com a universalidade dos Bispos e com a pessoa do Papa.

3.2 O compromisso com a Igreja é compromisso com o homem e, por isso, com o povo concreto.

A Igreja, nas Conclusões de Puebla, é repetidas vezes denominada POVO: “povo de Deus”, “povo santo”, “povo peregrino”, “povo enviado por Deus”, “povo de Deus a serviço da comunhão” (Cf. C.P. 220 – 303). Ela se apresenta sob diversas formas no povo: como “**Igreja Particular**” (C. P. 634), como “**paróquia**” (C. P. 631), como **Comunidades Eclesiais de Base**” (C. P. 629), como “**igreja doméstica**” (C. P.

94), como **“igreja popular”** enquanto **“aquela que procura encarnar-se nos meios populares do nosso Continente e que, por isso mesmo, surge da resposta de fé que os grupos do povo”** dão ao Senhor (C.P. 263). De tudo isto, segue-se que o compromisso com a Igreja é compromisso com o homem — **“povo”**, reunido na fé. **Povo concreto**, que mora em determinada região, enfrentando problemas muito reais. Povo chamado à comunhão e à participação, que se constroem corresponsavelmente (cf. C.P. 240).

3.3 Motivos para a catequese preocupar-se em educar, na fé, para o sentido de **“povo”**.

Assinalamos **dois motivos especiais**. O documento de Puebla, neste particular, assim se expressou: **“Neste período após Medellín, nossos povos vivem momentos importantes de encontro consigo mesmos**, reencontram o valor de sua história, das culturas indígenas e da religiosidade popular. No meio deste processo descobre-se a presença deste outro povo (a Igreja) que acompanha com sua história os nossos povos naturais” ... encarnando-se em nossos valores originais” e desenvolvendo **“novas expressões da riqueza do Espírito”** (C.P. 234). Além disso, a educação, na fé, para o sentido de **“povo”** é **“necessária para completar o processo de transição que foi acentuado em Medellín: transição de um estilo individualista de se viver a fé para a grande consciência comunitária para a qual Concílio nos abriu a todos”** (C.P. 235).

3.4 Comprometer-se com a **“missão da Igreja”**.

A catequese, educando para o compromisso com a Igreja, colocará os catequizandos na práxis da **descoberta da sua própria vocação na Igreja** tanto em nível dos diversos ministérios e serviços eclesiais, como em nível de opção de estado de vida, seja para o matrimônio cristão, seja para a vida consagrada. (C.P. 658 – 891). Tudo isto em ordem a assumir o compromisso de participar, cada qual segundo o próprio dom (Cf. I Cor 7,7; 12,4 – 30), da missão da Igreja.

É missão da Igreja **testemunhar a comunhão e a participação**. **“Cada comunidade eclesial deveria esforçar-se por constituir para o Continente um exemplo de modo de convivência onde consigam unir-se a liberdade e a solidariedade, onde a autoridade se exerça com o espírito do Bom Pastor, onde se viva uma atitude diferente diante da riqueza, onde se ensaiem formas de organização e estruturas de participação capazes de abrir caminho para um tipo mais humano de sociedade”**(C.P. 273). Por isso a

catequese educará para a experiência de uma “VIDA EM IGREJA”, levando os catequizandos a **se descobrirem** como **COMUNIDADE ECLESIAL dentro da “encarnação” da Igreja** onde estiverem vivendo: por exemplo, dentro de uma CEB ou de uma paróquia; e **nos relacionamentos intereclesiais**: por exemplo, de várias Igrejas Particulares entre si, de todas as Igrejas na comunhão eclesial universal¹⁸. Ocupar-se-á em educar para um **compromisso eclesial criativo de um novo estilo de relacionamento** dentro da própria comunidade e em nível intereclesial. Tal **novidade criativa** encontra sua força na **intensidade do amor** que efetiva a comunhão e na **corresponsabilidade** em assumir a participação.

3.5 Forjar a história segundo a “práxis” de Jesus.

O documento de Puebla reconhece como missão da Igreja educar “homens capazes de fazer história, para levar eficazmente com Cristo a história de nossos povos até o Reino” (C.P. 274).

Será preocupação constante da catequese “educar homens capazes de forjar a história segundo a **“práxis de Jesus”** (C. P. 279). Educar para o “discernimento das vozes do Senhor no coração da história” (C. P. 267), de modo que sejam, em Igreja, “voz dos que não têm voz” e a testemunharem a mesma predileção do Senhor com os pobres e os que sofrem” (C.P. 268). Isto se realiza aproveitando os acontecimentos que, de qualquer forma, atingem a comunidade. Assim, aproveitando a ocasião de uma greve de operários para despertar o discernimento dos autênticos clamores por justiça e suscitar o compromisso de solidariedade efetiva.

A educação, na fé, para “forjar a história segundo a práxis de Jesus”, dará consciência de que **esta missão é “árdua e dramática, porque o pecado, força de ruptura, há de impedir constantemente o crescimento no amor e a comunhão** tanto a partir do coração dos homens, como a partir das diversas estruturas por eles criadas, nas quais o pecado de seus autores imprimiu sua marca destruidora” (C.P. 281). Também é através dos acontecimentos que se compreende e se faz compreender o **sentido profundo do pecado** assim como, doutra parte, a **bem-aventurança evangélica**: “bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10).

Por isso, a catequese, preocupando-se com o compromisso com a Igreja, educará, na fé, para o compromisso com a libertação integral do homem.

No compromisso com a Igreja, de acordo com as Conclusões de Puebla, ressalta — para a catequese — a opção preferencial pelos po-

bres, sobretudo quando se entende a Igreja como **Povo de Deus concreto**, dentro da realidade injusta da América Latina, **com a missão de promover a comunhão e a participação em toda a sociedade**. E a opção preferencial pelos jovens aparece, mais uma vez, quando se reconhece nos jovens a maioria dos latino-americanos a serem evangelizados e catequizados, chamados também a se fazerem sujeitos da evangelização e da libertação integral.

III – CONCLUSÃO

ALGUMAS INDICAÇÕES PARA OS INTERESSADOS EM ASSUMIR NA CATEQUESE A DIMENSÃO MORAL DAS CONCLUSÕES DE PUEBLA.

1. Um modo de ler a Bíblia que dá realce à interpretação da comunidade de fé.

As três unidades fundamentais da dimensão moral da catequese têm uma fonte comum: “a Palavra de Deus contida na Bíblia e na tradição viva da Igreja” (C.P. 372). Por isso, a leitura da Bíblia acompanhará necessariamente todas as etapas da catequese infantil, catequese de adolescentes, catequese de jovens, catequese de adultos. É a fonte que alimenta o tríplice compromisso: com o homem, com Jesus Cristo e com a Igreja.

Para se conseguir **através da catequese**, a práxis da comunhão e da libertação como práxis evangélica e, por conseguinte, como práxis moral cristã, oferece valiosa contribuição o modo de ler a Bíblia apresentado pelo exegeta Carlos Mesters¹⁹. Trata-se de uma leitura que, sem dúvida, valoriza o papel dos especialistas (exegetas) em Bíblia; porém **realça o papel da comunidade viva de fé**, inserida na realidade concreta do povo.

Segundo Carlos Mesters, o **pretexto** da leitura bíblica é a **realidade vivida pelo povo**: todo sofrimento a que está sujeito o povo pobre e oprimido, assim como todo esforço autêntico de libertação que o povo está fazendo. O **contexto** é a **vivência da fé** que tem a comunidade eclesial formada pelo povo. É a partir do “lugar” do pobre e do oprimido que a comunidade de fé interpretará a Palavra de Deus. Catequistas e catequizandos têm necessidade de se situar neste “lugar” do pobre e oprimido para compreender, no Espírito, o sentido **atualizado** da Palavra de Deus na comunidade e para a comunidade. Isto vem acontecendo abundantemente nas CEBs, cuja experiência comprova, mais uma vez, que Deus revela o sentido vivo do Evangelho aos “pequenininhos” e o oculta aos “sábios” desli-

gados da vida real do povo (Cf. Lc 10,21). Não se dispensa, porém, a ajuda dos biblistas para não se cair numa interpretação ingênua. Os catequistas precisam receber dos especialistas (exegetas) os dados “científicos” a respeito da interpretação da Bíblia. Eles lerão e farão ler a Bíblia a partir **do lugar do pobre e oprimido** para que os catequizandos possam ter o “discernimento das vozes do Senhor no coração da história” (C.P. 267). Dentro da vivência da fé pelo povo que forma a comunidade eclesial vamos, então, encontrar a “tradição viva”, segundo a qual a Bíblia há de ser interpretada, no Espírito Santo (cf. DEI VERBUM n.12).

2. Utilização dos temas morais encontrados nas Conclusões de Puebla.

A leitura completa do documento de Puebla coloca-nos frente a diversos problemas de ordem moral. O mais gritante é a **injustiça social estrutural** que constitui a “escandalosa realidade” da América Latina. **Outros problemas** abordados pelo documento tais como os de ordem familiar, os relativos à **Bioética** (aborto, assassínios, eutanásia, tortura, tóxicos, prostituição, etc.) os pecados pessoais, **todos esses problemas** não apenas possuem uma dimensão social, como também precisam ser avaliados a partir do **lugar do pobre**, dentro das estruturas injustas da América Latina. Não basta referi-los à **dignidade do homem** e ao **absoluto** como **critérios básicos** de moralidade²⁰. Importa referenciá-los aos **mecanismos geradores de injustiças**²¹ nas quais está situado o homem concreto latino-americano, e ao Deus que quer a libertação integral do homem. Jamais na catequese se poderá, por exemplo, falar do “pecado” sem situá-lo na **solidariedade com o mal**, em que se encontra estruturada a nossa sociedade.

3. A práxis confirmando a teoria.

As Conclusões de Puebla, porém, acima de tudo são pastorais. É na práxis pastoral que devem ser avaliadas. Da mesma forma é na práxis evangélica, principalmente enquanto promoção e vivência da comunhão e da participação em todos os níveis e setores da vida humana, que a dimensão moral do documento será adequadamente valorizada.

Todos os que trabalham na catequese prestarão grande serviço à Igreja se estiverem empenhados em levar à práxis da comunhão e participação todo o esforço em educar, na fé, em consonância com as Conclusões de Puebla. E prestarão ajuda aos teólogos moralistas se lhes fornecerem alguns dados colhidos nesta ação pastoral no que se refere à dimensão moral da catequese.

NOTAS:

(1) **“Evangelizar”**, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade: **“Eis que faço de novo todas as coisas”** (Ap. 21,5; 2 Cor 5,17; Gl 6,15) ... a evangelização **“procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios”** (**Evangelii Nuntiandi**, nº 18).

A **Catequese** é uma **“atividade constantemente necessária para uma intensa e ativa difusão da Palavra de Deus, para o conhecimento mais aprofundado da pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo; atividade que leva à educação ordenada e progressiva da fé e se encontra intimamente unida a um contínuo processo de maturação da mesma fé”** (**Mensagem ao Povo de Deus**, nº 1, do Sínodo dos Bispos reunidos em Roma, em 1977, para tratar de **“a catequese no nosso tempo”**). Em relação à missão evangelizadora, que compete a todo o Povo de Deus, a **catequese é um aspecto da evangelização** (cf. **Mensagem ao Povo de Deus**, nº 7).

(2) cf. J.M.F. Braga, **As opções preferenciais da Igreja Latino-Americana e a moral**, in **“PUEBLA, análise, perspectivas, interrogações”**, obra coletiva, coleção Teologia em Diálogo, Edições Paulinas, São Paulo, 1979, 68 – 86.

(3) **“A missão de Jesus Cristo não constitui uma ordem, uma totalidade ao lado do mundo. Ela é justamente missão, isto é, movimento, não do outro mundo, mas movimento para este mundo, entrada neste mundo, ação sobre este mundo... Cristo é aquele que atravessa este mundo para modificá-lo justamente por esse movimento”** (J. Comblin, **“Atualidade da Teologia da Missão”**, REB, 32 1972, 802).

(4) A leitura atenta da documentação a respeito da Igreja Latino-Americana que SEDOC (Serviço de Documentação, Editora Vozes Ltda., Petrópolis) vem publicando, desde o seu primeiro fascículo, julho de 1968, mostra a progressiva tomada de consciência e a práxis da opção preferencial pelos pobres. Cf. também José Marins y equipo, **“Práxis de los Padres de America Latina**, los documentos de las conferencias episcopales de Medellín a Puebla” (... 1968 – 1978), Ediciones Paulinas, 1978, Bogotá, Colombia.

(5) O **1º Encontro Nacional de CEBs** do Brasil foi realizado em Vitória, ES, nos dias 6,7 e 8 de janeiro de 1975 e a documentação a seu respeito se encontra em SEDOC 7, fasc. 81. O **2º Encontro**, agora denominado **Intereclesial de CEBs**, se realizou também em Vitória, nos dias 29,30 e 31 de julho e 1º de agosto de 1976; sua documentação está publicada em SEDOC 9, fasc. 96. O **3º Encontro Intereclesial de CEBs** efetuou-se em João Pessoa, PB, nos dias 19 – 23 de julho de 1978. Está documentado nos fascículos 115 e 118 de SEDOC 11.

(6) Na catequese a ser promovida pelas Igrejas Particulares incluímos a **CATEQUESE NAS ESCOLAS**, particularmente nas de 1º grau. A preparação de professores e professoras de religião para as escolas precisaria incluir o conhecimento das exigências criadas pela opção preferencial pelos pobres.

(7) O pastoralista da juventude, Padre José Fernandes de Oliveira, reconheceu o fracasso de movimentos de jovens, no artigo, **Pastoral de Juventude no Brasil, história de uma criança subnutrida**, REB 37 (1977), 759 – 765. O teólogo J. B. Libânio fez uma análise crítica de nossa pastoral de juventude das duas últimas décadas, na sua obra **“O Mundo dos Jovens, reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude na Igreja”**, coleção Teologia e Evangelização 3, Edições Loyola, São Paulo, 1978.

(8) A “escandalosa realidade dos desequilíbrios econômicos da América Latina” se fundamenta no “capitalismo dependente” instalado em nosso continente (cf. Florestan Fernandes, “**Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**”, 2ª edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975), que, segundo a “teoria da dependência”, é o criador permanente dos desequilíbrios econômicos” (Cf. Pedro Negre Rigol, “**Sociologia do Terceiro Mundo, crítica ao modelo desenvolvimentista**”, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1977.)

(9) A formação de consciência crítica que, para nós, cristãos, há de ser uma dimensão imprescindível da consciência moral, poderá ser ajudada através das recentes publicações de J. B. Libânio, coedição VOZES/CRB: “**Discernimento e Política**”, 1. **Subsídios filosófico-culturais**, temas atuais 9/1; 2. **Subsídios sócio-analíticos**, temas culturais 9/2; 3. **Subsídios psicopedagógicos**, temas atuais 9/3. _

(10) “Evangelizar é proclamar a boa notícia da libertação, levando os homens a descobrirem a presença da atuação de Deus no acontecimento libertador: a estabelecerem a comunhão fraterna, vivendo-a na comunhão com Deus; e a celebrarem este Deus que liberta e faz comunhão com os homens” (J.M. Braga, **As opções preferenciais da Igreja Latino-Americana**, in. o.c., 75).

(11) Eis a 1ª estrofe desse canto que se espalhou principalmente entre os jovens:

“**Seu nome é Jesus Cristo e passa fome,
e grita pela boca dos famintos,
e a gente quando vê passa adiante,
às vezes pra chegar depressa à Igreja**”.

O refrão é o seguinte:

“**Entre nós está e não o conhecemos,
entre nós está e nós o desprezamos**”.

(12) “A primeira ação da Igreja consiste em anunciar esta dignidade humana... Esta é parte fundamental da mensagem cristã. Esta missão de proclamar possui dois aspectos. **Para os fracos, os pobres**, a consciência de sua dignidade é uma **novidade**, é propriamente a boa-nova de Cristo. Eles se menosprezam a si mesmos, se criam inferiores, incapazes de agir na sociedade, incapazes de promover seus direitos e de promover uma sociedade melhor e mais justa. O Evangelho lhes anuncia que são capazes e que valem, que eles também receberam o Espírito para agir. **Para os poderosos**, a proclamação do Evangelho significa **um chamado a abrir-se aos mais fracos**, a ajudá-los em sua promoção, a renunciar a seus privilégios, a colocar seus talentos a serviço dos pobres e não realizar sua própria promoção em prejuízo dos pobres” (**Contribuições dos Teólogos**, “Dignidade do Homem”, SEDOC 12, fasc. 123, 12).

(13) As **Conclusões de Puebla** caracterizam diversas concepções errôneas a respeito do homem, que já estão introjetadas na cultura dos povos latino-americanos ou vão sendo introduzidas mais recentemente. A **visão determinista** do homem, que se manifesta também sob a forma de **fatalismo**. A **visão psicologista**, que conduz ao **pansexualismo**. As visões economicistas, que estão presentes tanto na **sociedade capitalista** como na **sociedade coletivista** e atuam, numa e noutra, como **concepção materialista** do homem e da totalidade da história. A **visão estatista**, que se sustenta na **ideologia da segurança nacional**. A **visão científicista**, que a partir de uma supervalorização da ciência e da técnica, **substitui a ética pela cibernética** (cf. C.P. 308 — 315).

(14) Afirma o exegeta J. Jeremias: “o que Jesus diz nas sentenças que o Sermão da Montanha apresenta, não é um regulamento completo para a vida dos discípulos nem pretende sê-lo: são apenas sintomas, sinais, exemplos do que acontece quando, num mundo submisso ao pecado, à morte e ao demônio, irrompe o Reino de Deus. É como se Jesus dissesse: Quero dar-vos, por meio de alguns exemplos, **uma idéia da**

vida nova; cabe a vós aplicar esses exemplos a todos os campos da existência" (J. Jeremias, "O Sermão da Montanha", 2ª edição, Edições Paulinas, São Paulo, 1977, 55). Cabe, pois, às comunidades cristãs da América Latina aplicar aos diversos campos da nossa realidade. A **catequese** é uma excelente oportunidade para ajudar no discernimento do modo **como aplicar esses exemplos**. Poderá identificar os "pobres" da 1ª bem-aventurança; quais os "afritos" que serão consolados; onde está presente a "fome e sede de justiça"; quais os autênticos "misericordiosos"; de que modo se promove a verdadeira PAZ; as perseguições concretas que sofrem muitos hoje "por causa da justiça".

(15) Arturo Paoli mostra como **experimentar a contemplação** no compromisso com a libertação dentro da história de cada dia, na sua obra "Alguém me tocou", Edições Paulinas, São Paulo, 1979.

(16) Padre José Fernandes de Oliveira, artigo citado, REB 37 (1977), 760.

(17) Cf. Padre Joaquim Piepke, **As Igrejas: encarnações da grande comunhão**, VIDA PASTORAL 87 (1979), 4. Nesse artigo, o autor cita a Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, onde o Apóstolo compara os cristãos com os membros do corpo, que formam uma unidade, o próprio São Paulo tira esta conclusão inesperada: "assim também acontece com CRISTO" (1Cor 12,12), em vez de concluir "logicamente": **assim também acontece com a Igreja**. São Paulo assim procede, na sua **lógica da fé**, porque o Cristo Ressuscitado "é o princípio vivencial da comunidade", afirma o teólogo Piepke, e "os membros do corpo (= Igreja dos cristãos) existem porque previamente existe o próprio corpo (= o Cristo)" ... E continua dizendo: "O primeiro passo para elucidar a palavra Igreja é o próprio Cristo ressuscitado" ... "Por isso, quando falamos da Igreja de Jesus pensamos na universalidade de sua presença salvífica entre os homens".

(18) O texto da Comissão Episcopal Regional Sul 1 — CNBB, "Ministério da Coordenação Pastoral", Edições Paulinas, São Paulo, 1977, oferece, a respeito dos ministérios eclesiais, elementos bastante úteis para os responsáveis pela catequese.

(19) Cf. Carlos Mesters, **A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia**, SEDOC 11, fasc. 118, 733 — 765.

(20) "Os critérios que o homem usa para discernir os valores autênticos em confronto com a realidade... se baseiam em dois pontos de referência: o **absoluto** e o **humano**. O absoluto, ou o identificamos com **Deus que é AMOR** (1 Jo 4,8) voltado para o homem e presente em sua história, ou o identificamos com os **elementos do mundo** (Cl 2,8) que manipulam e escravizam o homem. O humano está no **homem concreto** em sua dignidade de **imagem de Deus**, chamado a ser sujeito responsável de sua própria história" (J.M.F. Braga, **As opções preferenciais da Igreja Latino-Americana a moral**, in o.c., 69).

(21) Afirmam os Bispos reunidos em Puebla: "Comprometidos com os pobres, condenamos como antievangélica a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso Continente. Envidamos esforços para conhecer e denunciar os mecanismos geradores dessa pobreza" (C.P. 1159 — 1160).

ABREVIATURAS USADAS:

C.P. — Conclusões: PUEBLA, texto oficial da C.N.B.B.

O.T. — OPTATAM TOTIUS, decreto do Concílio Vaticano II sobre a Formação Sacerdotal.